

Nettoyer l'Esprit: o expurgo das crenças preconcebidas em Montaigne, Charron e Descartes

Nettoyer l'Esprit: a philosophical cleansing of the mind in Montaigne, Charron, and Descartes

Camila Lima de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0002-7487-1963> – E-mail: limaolive.c@gmail.com

RESUMO

A noção cética de *nettoyer l'esprit*, empregada por Pierre Charron e presente, em outros termos, nas obras de Montaigne e Descartes, é um conceito central para o pensamento moderno, no contexto de discussão sobre a busca pela sabedoria, a fundamentação do conhecimento, a demarcação dos limites da razão e o estabelecimento de uma conduta humana livre e ética. Além de ser empregada como uma forma de evitar o erro, a ideia é vista como um método para livrar a mente de dogmas e preconceitos.

Palavras-chave: *Nettoyer l'esprit*. Montaigne. Charron. Descartes. Modernidade. Ceticismo.

ABSTRACT

The skeptical notion of *nettoyer l'esprit*, employed by Pierre Charron, and present, under different formulations, in the works of Montaigne and Descartes, is a central concept in modern thought. It plays a key role in discussions surrounding the pursuit of wisdom, the foundations of knowledge, the limits of reason, and the establishment of free and ethical human conduct. Beyond serving as a means of avoiding error, this idea functions as a method for purging the mind of dogmas and prejudices.

Keywords: *Nettoyer l'esprit*. Montaigne. Charron. Descartes. Modernity. Skepticism.

Introdução

Os eventos decisivos que marcaram o surgimento da era moderna, tal como narrado pela história e pela filosofia, fomentaram um ambiente de intensa reflexão crítica. Esse contexto legou à posteridade uma tradição filosófica que ainda hoje inspira análises sobre questões centrais para a sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo que os indivíduos da Modernidade sofreram significativos impactos em suas crenças mais básicas, sendo lançados em profundas crises existenciais e cognitivas, pensadores do período demonstraram capacidade para atentar às questões da ordem do dia, refletir a seu respeito e propor caminhos que permanecem relevantes para a construção de uma sociedade consciente e equânime.

A expansão imperial europeia sobre o chamado “Novo Mundo”, o contato com outras culturas, a Revolução Científica, os movimentos de Reforma e Contrarreforma religiosas, bem como a exploração e o comércio de povos indígenas e africanos, abalaram radicalmente os alicerces da cosmovisão europeia. O conhecimento tradicionalmente transmitido pelos eruditos europeus foi colocado em dúvida, o sentimento religioso foi estremecido, a credibilidade das instituições foi posta em xeque e a dignidade humana de determinados grupos étnicos foi ignorada até mesmo pelos humanistas¹.

Nesse cenário de rupturas, somando-se à tradução de uma das principais fontes do pensamento cético, as *Hipótiposes Pirrônicas*, de Sexto Empírico, publicada em Paris no século XVI, firmou-se um terreno propício para a valorização do ceticismo antigo na Modernidade. Essa corrente filosófica, que contesta as pretensões dos chamados dogmáticos – aqueles que se arrogam descobridores da essência das coisas e detentores da verdade –, apresenta-se como um contraponto essencial às visões autoritárias que frequentemente legitimam desigualdades e violências. Importantes filósofos modernos, que exerceram ampla influência intelectual em sua época e em épocas seguintes, tiveram o ceticismo como matéria de inspiração ou até mesmo objeto de crítica. Não podemos, por exemplo, imaginar as *Meditações sobre Filosofia Primeira*, de Descartes (1596-1650), sem o resgate das principais questões do ceticismo antigo, sobretudo os *Tropos* céuticos (argumentos que têm a intenção de conduzir à suspensão do juízo – *epokhē*), dos quais ele lança mão com prodigalidade na referida obra.

A retomada dessa doutrina entre os séculos XVI e XVII chega a provocar manifestações inusitadas, como as do autointitulado “cético cristão”, François de La Mothe Le Vayer (1588?-1672), que alardeava, sob o pseudônimo de Orasius Tubero, sua admiração e reverência pela sabedoria antiga – e pagã –, contida nos “maravilhosos livros” do “divino Sexto” – reverência que atinge uma audácia e uma libertinagem de enorme grau no *Diálogo sobre o tema da divindade* (*Dialogue sur le sujet de la divinité*, 1631), onde vemos Orasius afirmar que a *epokhē* cética seria “um presente dos céus”, dado aos seres humanos para servir de catecismo, de propedêutica à fé cristã (Le Vayer, 2014, p. 101).

Para além das influências, disputas doutrinárias e provocações retóricas, a retomada do ceticismo antigo na Modernidade possibilitou reflexões e discussões a respeito de questões que ainda hoje se mostram relevantes: o relativismo cultural, a superação de preconceitos e a necessidade de cultivar um olhar mais livre, aberto à diversidade e ao novo. Através de pensadores como Michel de Montaigne (1533-1592) e Pierre Charron (1541-1603), vemos como o

¹ A ideia renascentista de humanidade, como explica Muniz Sodré, serviu de “fachada ideológica para a legitimação da pilhagem dos mercados do Sudeste Asiático, dos metais preciosos nas Américas e da mão de obra na África”. Essa mesma ideia fez com que os europeus fossem distinguidos como “plenamente humanos” enquanto outros, não-europeus, eram vistos como “*anthropos*, não tão plenos”, ontologicamente inferiores “ao humano ocidental. [...] Um juízo que, na prática, abre caminho para inomináveis violências” (Sodré, 2018, p. 13-14).

ceticismo tem por tarefa despir-nos, tanto quanto possível, de opiniões não examinadas, que prejudicam nossas relações e impedem a construção de uma sociedade mais justa e tolerante.

A reflexão que ora se apresenta foi inspirada por uma ideia contida no grande tratado *De la Sagesse* (1601), de Pierre Charron, que é a noção de *nettoyer l'esprit*. Em seu uso original, tal expressão aparece no contexto de uma refutação feita por Charron à crítica de que o ceticismo seria um obstáculo à fé cristã. O autor da *Sagesse*, inspirado, como de costume, nos *Ensaaios* de Montaigne, apresenta uma argumentação – também encontrada na *Apologia de Raymond Sebond* – que defende que não só o ceticismo não representa um obstáculo à fé, mas, ao contrário do que se objeta, ele serve para aplanar o terreno, preparar o espírito, para nos deixar mais propensos a receber a fé cristã e as maravilhas celestiais se, porventura, formos agraciados pelo favor divino.

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a ideia de *nettoyer l'esprit* em contextos que ultrapassam seu uso original, ligado às questões religiosas e à tradição da filosofia cética, abrangendo também os domínios social, cultural e político. Busca-se, assim, identificar alguns de seus correspondentes terminológicos e propor novas leituras e possibilidades de aplicação dessa noção. Para tanto, examinaremos como a ideia aparece em Montaigne, Charron e Descartes, qual papel ela desempenha em cada autor e que uso podemos extrair dessa noção hoje.

Montaigne e a Apologia de Raymond Sebond

Na primeira metade do século XVI, a França foi marcada por sangrentas guerras de religião, em que se opunham católicos e protestantes reformados (também conhecidos como huguenotes). As ideias plantadas pela Reforma provocaram discordâncias e cisões irreconciliáveis entre esses dois grupos e acabaram resultando em tentativas frustradas de acordos de paz e episódios violentos como o do dia 24 de agosto de 1572, o massacre da Noite de São Bartolomeu. Estima-se que milhares² de protestantes tenham sido assassinados nessa ocasião, após uma série de disputas políticas e divergências religiosas acentuadas por um clima de insatisfação por parte de um grupo de católicos que se mostraram contrários ao Tratado de Paz de Saint-Germain-en-Laye – que concedia certa liberdade de culto aos protestantes –, e ao casamento da princesa Margarida de Valois, católica, filha da rainha Catarina de Médici, com o protestante Henrique de Navarra (posteriormente, Henrique IV).

A *Apologia de Raymond Sebond*, um dos principais ensaios em que Montaigne explora a doutrina cética, tem exatamente esse cenário de divergências religiosas e mortes em nome da fé como pano de fundo. Segundo o próprio Montaigne, a *Apologia* foi escrita para amparar “certas damas”³ ante duas objeções feitas a um livro traduzido por ele para o francês, atendendo a um pedido de seu pai, o *Theologia naturalis sive Liber Creaturarum* (*Teologia natural ou O livro das criaturas*), do teólogo catalão Raymond Sebond, cujo objetivo era o de “estabelecer e demonstrar contra os ateístas todos os artigos da religião cristã por meio de razões humanas e naturais” (II, 12, VS 440). A primeira objeção dirigida à obra de Sebond sustenta que seria um erro fundamentar a crença em razões humanas, pois esta deveria apoiar-se exclusivamente na fé, inspirada pela graça divina (II, 12, VS 440). A segunda crítica aponta que

² Não há consenso sobre o número aproximado de vítimas do massacre, há estimativas que mencionam entre 5 e 30 mil mortos.

³ De acordo com alguns intérpretes, a *Apologia* é dirigida a – então princesa – Margarida de Valois. Ver a apresentação dos *Ensaaios* e as notas da *Apologia* na edição Villey-Saulnier (Montaigne, 2004, p. 475; 557).

os argumentos apresentados por Sebond seriam fracos e impróprios para demonstrar o que ele pretendia (II, 12, VS 448).

Embora o título do ensaio nos faça esperar uma defesa de Sebond, quando Montaigne responde à primeira objeção o que fica evidente é justamente o caráter limitado da razão, tal como apontam os objetores, e o papel exclusivo da fé no alcance dos mistérios mais elevados da religião cristã. No entanto, Montaigne não perde a chance de inspecionar a fé reclamada pelos piedosos que criticam as pretensões de Sebond e questionar nossa capacidade de alcançar essa fé ativa e viva, sem que a ela nos induzam as circunstâncias e as novidades por elas trazidas: “[A] Se tivéssemos um único pingo de fé, moveríamos as montanhas de seu lugar” – escreve Montaigne na *Apologia*. “Nossas ações, que seriam guiadas e acompanhadas pela divindade, não seriam simplesmente humanas: teriam algo de miraculoso, como nossa crença” (II, 12, VS 442).

A resposta à segunda objeção, que apontava a fraqueza dos argumentos de Sebond, compreende quase todo o ensaio II, 12. Novamente, o intuito deveria ser o de responder aos segundos objetores tendo em vista uma “apologia” de Sebond; mas, em vez de executar essa tarefa firmando uma oposição à crítica, que argumenta que as razões para crermos, apresentadas por Sebond, são fracas, Montaigne opta por demarcar a inadequação da própria objeção, além de notar a intenção ímpia e insolente dela, tentando mostrar aos segundos objetores o grau de “delírio” e de “vaidade” de sua exigência por bons e fortes argumentos. Para tanto, Montaigne lança mão de um discurso que corrobora a total inaptidão e o desamparo do ser humano quando entregue às “mirradas armas de sua razão”, sem o auxílio sobrenatural (II, 12, VS 448).

Os ímpios, que rejeitam os argumentos de Sebond servindo-se de uma faculdade humana, acabam por facilitar, conforme Montaigne, a vida do cristão persuadido de sua fé, enquanto pretendem refutar esse mistério inatingível recorrendo a algo tão frágil e volúvel como a razão, “um instrumento de chumbo e cera, alongável, dobrável e adaptável a todas as medidas e a todas as perspectivas” (II, 12, VS 565). Para o autor da *Apologia*, a verdade e o conhecimento são atributos divinos, sobrenaturais, e seria vã a tentativa de atingi-los a partir de recursos humanos, naturais. Assim, Montaigne conclui que, se as razões de Sebond são fracas, como apontam seus críticos, quaisquer outras razões puramente humanas, inclusive as dos próprios críticos, careceriam igualmente de vigor, dada a fraqueza natural em que, sem o amparo divino, todos os seres humanos se encontram.

Nesse contexto, Montaigne faz uma apologia não do teólogo catalão, que queria dissuadir ateus através de “razões humanas e naturais”, mas do ceticismo, o qual teria a função de nos esvaziar de nossas pressuposições, de nossos julgamentos irrefletidos, de nossa presunção e vaidade, tal como explicita a passagem abaixo:

Non há na imaginação humana nada que tenha tanta verossimilhança e utilidade [quanto a doutrina pirrônica]. Ela apresenta o homem nu e vazio, reconhecendo sua fraqueza natural, apropriado para receber do alto uma força externa, desguarnecido de ciência humana e portanto mais apto para alojar em si a divina, anulando seu próprio julgamento a fim de dar mais espaço para a fé; nem descrendo nem estabelecendo dogma algum contra as observâncias comuns; humilde, obediente, disciplinável, zeloso; inimigo jurado da heresia e consequentemente isentando-se das ideias irreligiosas e vãs introduzidas pelas falsas seitas. É uma tábula rasa [*carte blanche*] preparada para assumir pelo dedo de Deus as formas que a este aprouver nela gravar (II, 12, VS 506).

Nettoyer l'Esprit

A noção montaigniana de apresentar-se enquanto uma “tábula rasa” – em francês, *carte blanche* –, uma folha de papel em branco, significa, precisamente, ter a capacidade de *nettoyer l'esprit*. Segundo o *Dictionnaire de l'Académie française* (século XVII), *nettoyer* seria o ato de tornar algo limpo (*net*) ou apropriado, tirar tudo o que está em determinado lugar, de modo que não reste nada. Conforme o dicionário *Nicot, Thresor de la langue française* (1606), *nettoyer* seria ainda sinônimo de purgar, depurar, varrer. Assim, *nettoyer l'esprit* representaria o ato de purificação da mente através da eliminação de impurezas, uma espécie de faxina mental, um expurgo de todas as nossas opiniões ou crenças preconcebidas.

Quem ilustra bem esse procedimento é Descartes, com seu método da dúvida sistemática. O problema do erro é uma questão de suma relevância no pensamento cartesiano, Descartes viveu o drama moderno da dúvida sobre o que, até então, se tinha como inquestionável e digno de total confiança. Ele mesmo nos diz, no *Discurso do Método*, que estudava na escola mais famosa da Europa e pensava que seus antigos mestres eram verdadeiros doutos; depois de ver-se repleto de dúvidas, o filósofo questionou se de fato haveria sábios não apenas em seu prestigioso colégio, mas em qualquer outra parte do mundo⁴. Uma vez constatado que nossos conhecimentos, opiniões ou crenças podem vir a se apresentar como falsos, imprecisos ou precipitados, não resta outra saída, como diz Descartes a Bourdin, nas *Sétimas Objeções*, a não ser “esvaziar o cesto” (a expressão cartesiana para o nosso *nettoyer l'esprit*):

Se [...] tivesse um cesto cheio de maçãs e temesse que algumas delas estivessem podres, e quisesse tirá-las, para que não contaminassem as demais, como faria isso? Não esvaziaria primeiro o cesto e então, examinando as maçãs uma por uma, pegaria de volta apenas aquelas que estivessem visivelmente boas, descartando as demais? (AT VII, 481).

Richard Popkin (1923-2005) chama a atenção, entretanto, para o fato de Descartes ter a intenção de colocar de volta no cesto as “maçãs boas”, pois espera formar, com seu método, depois de dar vazão à “luz natural”, um conhecimento; ao contrário de Pierre Charron, que propôs, antes de Descartes, um método para evitar o erro e livrar a mente de dogmas e preconceitos acumulados, sem a pretensão de nela deixar os conteúdos julgados “bons”:

O método charroniano da dúvida e “moral” é o caminho para o verdadeiro conhecimento não porque, como reivindicaria Descartes mais tarde, o próprio método, ao limpar a mente, produz conhecimento ou torna visível a luz natural. Em vez disso, o método, quando seguido consistentemente, conduz a uma mente completamente vazia, que pode então ser preenchida por algo externo. [...] O valor do uso do método é que ele coloca a pessoa em condições adequadas para receber conhecimento, mas não contribui com nenhum conhecimento, nem garante sua ocorrência. O método é um meio de atingir o máximo de sabedoria humana [...], limpando nossas mentes de erros acumulados por séculos, ao minar todo o nosso suposto conhecimento (Popkin, 1954, p. 832-833).

Assim como Montaigne, Charron entende que “a verdade não é de nossa aquisição, invenção nem apreensão” (Charron, 2005, p. 39). Não podemos alcançá-la ou, dizendo de forma

⁴ “J’ai été nourri aux lettres dès mon enfance; et, pour ce qu’on me persuadait que par leur moyen on pouvait acquérir une connaissance claire et assurée de tout ce qui est utile à la vie, j’avais un extrême désir de les apprendre. Mais sitôt que j’eus achevé tout ce cours d’études, au bout duquel on a coutume d’être reçu au rang des doctes, je changeai entièrement d’opinion. Car je me trouvais embarrassé de tant de doutes et d’erreurs, qu’il me semblait n’avoir fait autre profit, en tâchant de m’instruire, sinon que j’avais découvert de plus en plus mon ignorance. Et néanmoins j’étais en l’une des plus célèbres écoles de l’Europe, où je pensais qu’il devait y avoir de savants hommes, s’il y en avait en aucun endroit de la terre” (AT VI, 5-6).

mais justa, não podemos atingi-la por nossos próprios esforços. Nossa compleição natural nos nega tal feito. Conforme o autor, embora o ser humano tenha sido criado por Deus para conhecer a verdade, ele é incapaz de fazê-lo por si mesmo – é preciso que Deus a revele. Mas essa “revelação” de que fala Charron requer de seu pretendente um passo: é preciso que este esteja pronto e à espera da verdade, caso ela se apresente.

E nenhuma doutrina parece ser, para Charron, mais propícia do que o ceticismo para realizar esse trabalho de preparação. O ceticismo seria “algo que presta mais serviço à piedade e à operação divina que qualquer outra coisa, tanto no que diz respeito à sua geração e propagação, quanto à sua comunicação” (Charron, 2005, p. 67-68). De que forma o ceticismo poderia atuar como favorecedor da revelação divina? A resposta está em sua função de *nettoyage*, de varredura ou expurgo de todas as opiniões falsas e fantasiosas, pelas quais frequentemente nos deixamos contaminar, bem como de todas as coisas que criam em nós uma indisposição para que tenhamos uma conduta mais sábia e menos propensa a aderir, de modo opiniático, apaixonado e resoluto, àquilo que para nós se apresenta.

A palavra de ordem da *Sagesse* charroniana é a seguinte: é preciso *nettoyer l'esprit*, preparar bem a nossa mente para acolher e tornar possível a operação divina, deixá-la própria para receber sua impressão. Por meio do método do *nettoyer l'esprit*, a mente humana ficaria despojada de opiniões, crenças e afecções; ficaria como uma “tábula rasa” (*carte blanche*), na qual Deus poderia imprimir o que lhe aprouvesse.

Em relação aos costumes, o ceticismo charroniano faz uma entusiasmada defesa de uma ampla liberdade de pensar, julgar, examinar e agir. Charron, na história das ideias, aparece como o primeiro autor a propor uma virtude e uma moral autônomas, independentes de todo fundamento religioso, e não cerceadas pelas promessas e pelos terrores apregoados pela Igreja. A esperança de uma recompensa numa vida futura, ou o temor do inferno ou do que sucede após nossa passagem pelo mundo, não devem influenciar nem tampouco determinar nossas ações. O ser humano que é, de fato, virtuoso, livre, que traz em si uma interioridade robusta e autônoma, não pode agir tendo em vista o que determina o exterior. Apesar de defender que os sábios devem respeitar e seguir os costumes de seu país, dispensando condutas extravagantes, que poderiam chocar e ferir os olhares de seus concidadãos, Charron enfatiza a necessidade de libertação da opinião comum, a opinião do vulgo (*vulgaris opinio*). Para o discípulo de Montaigne, o ser humano precisa se afastar do mundo – palco da opinião – para cultivar uma virtude ímpar: a prudência (*preud'homie*).

Considerações finais

Quer sob a forma do esvaziamento do cesto, quer na imagem da tábula rasa (*carte blanche*) ou na prática de *nettoyer l'esprit*, Descartes, Montaigne e Charron apontam para uma exigência fundamental: a necessidade de uma disposição crítica que anteceda toda aquisição de saber e toda adesão ética. Tal disposição se configura como um gesto de despojamento deliberado das noções herdadas, das opiniões irrefletidas e das inclinações dogmáticas.

Em diferentes graus e com distintas intenções, esses pensadores mostram como o gesto de expurgar da mente crenças preconcebidas, dogmas infundados e paixões desordenadas pode ser visto tanto como exercício espiritual quanto como atitude crítica diante do mundo. Ao propor uma mente limpa, vazia ou despojada, eles apontam para a necessidade de uma prudência constante em relação aos fundamentos de nossas crenças – sejam elas religiosas, morais ou epistemológicas. Em Montaigne e Charron, o ceticismo atua como uma forma de abertura e de preparação – para a graça, a revelação ou a sabedoria. Em Descartes, embora

com objetivos distintos, o exercício da dúvida assume a metáfora do esvaziamento do cesto como gesto imprescindível, sugerindo que todo conhecimento sólido deve passar pelo crivo de um exame rigoroso.

No pensamento charroniano, o verdadeiro sábio precisa considerar, examinar e julgar todas as coisas, não devendo deixar nada escapar sem que tenha colocado sobre a mesa e a balança (Charron, 2005, p. 32). A lição que podemos extrair dessa noção de *nettoyer l'esprit* e do ceticismo, especialmente quando relido no período moderno, é que a nossa forma de ver o mundo não pode ser considerada a melhor, a mais apropriada ou aquela que deve prevalecer entre tantas outras.

Um pensamento genuinamente crítico é, antes de tudo, capaz de considerar o ponto de vista do outro. Isso evidencia a falta de criticidade em nossa sociedade, marcada por conflitos, pretensões de dominação e desacordos. Ante o recrudescimento das polarizações ideológicas, da retórica inflamada das certezas e do fechamento à pluralidade de perspectivas, a lição cética ressoa de modo particularmente relevante: é preciso, mais do que nunca, *nettoyer l'esprit*, expurgar da mente pressuposições perniciosas para que possamos nos habilitar à liberdade de pensamento e ao cultivo da sabedoria.

Referências

- BLUCHE, F. *Dictionnaire du Grand Siècle*. Paris: Fayard, 2005.
- CHARRON, P. *De la Sagesse* (trois livres). T. I e II, Paris: Rapilly, Passage des Panoramas, 1827.
- CHARRON, P. *Pequeno tratado de Sabedoria*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- DESCARTES, R. *Œuvres de Descartes*. Publiées par Charles Adam e Paul Tannery. T. VI e VII. Paris: L. Cerf/Vrin, 1902, 1957.
- LA MOTHE LE VAYER, F. *Diálogo sobre o tema da divindade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- MONTAIGNE, M. *Ensaio* (livros I, II e III). São Paulo: Martins Fontes, 2000, 2001, 2002.
- MONTAIGNE, M. *Essais*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- NICOT, J. *Thresor de la langue française*, 1606.
- POPKIN, R. H. Charron and Descartes: The Fruits of Systematic Doubt. *The Journal of Philosophy*, v. 51, n. 25, p. 831-837, 1954.
- SODRÉ, M. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

Sobre a autora

Camila Lima de Oliveira

Doutorado em Filosofia, com ênfase em Crítica Cultural e Teoria Crítica da Representação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde também concluiu o mestrado em Filosofia Moderna, a licenciatura em Filosofia e a especialização em Cultura Clássica Greco-Latina.

Recebido em: 21/06/2025

Received in: 06/21/2025

Aprovado em: 15/08/2025

Approved in: 08/15/2025